

## ENTREVISTA: José Sabino

*José Sabino é Doutor em Ecologia, Professor titular da Universidade Anhanguera (Uniderp), e grande divulgador da ciência na temática Biodiversidade, através de artigos e reportagens. Também possui uma forte ligação com fotografia da Natureza.*

---

### O que despertou o seu interesse pela fotografia?

Desde pequeno tive forte ligação com a natureza. Passei boa parte de minha infância numa pacata cidade do interior paulista, Altinópolis. Aos 12 anos mudei com minha família para Ubatuba, no litoral. Em frente de casa, o mar. Ao fundo, a suntuosa mata atlântica. A conexão entre a fotografia e a natureza surgiu como um processo espontâneo, de expressão artística. Meu pai era músico e meu avô, maestro. Eu não conseguia tocar nada! Com minha percepção sonora limitada, me restou a expressão visual por meio da fotografia. Me lembro de aos 8 anos ter



minha Kodak Instamatic-126 e usá-la para fotografias em caminhadas e pescarias com meu pai.

### Como é o seu planejamento para os seus trabalhos de campo?

Depende da “missão”, mas sempre preparo tudo com muito critério, checando detalhes, conferindo cuidadosamente a lista de equipamentos ponto a ponto. Faço sempre uma lista de temas e com isso alinho o assunto aos equipamentos adequados. Se eu saio para documentar as pesquisas do Projeto Peixes de Bonito, priorizo o equipamento subaquático, hoje composto por uma D-SLR full-frame, caixa estanque e várias objetivas. No trabalho subaquático, uso também câmeras compactas e câmeras de ação que – incrível – gravam vídeo em 4k. Se saio em trilhas, monto um “mochilão” com duas D-SLR, teleobjetiva 500mm, macro 105mm, duas grande-angulares e flashes. Levo também um tripé e dependendo do tema, alterno com monopé. Guias de fauna



sempre ajudam na elaboração do roteiro e na preparação da lista de temas.

### **Como você vê a pós-produção? Tratamento x manipulação, sua opinião?**

O tratamento da imagem (pós-produção) equivale ao antigo processamento em laboratório. É necessário, aprimora, corrige, refina a exposição. Quanto à manipulação da imagem, creio que seja válida apenas para fins artísticos. Para foto documental, considero inaceitável.

### **Você começou com o processo analógico? Como foi a sua transição para o processo digital?**

Sim, comecei profissionalmente em 1990. Trabalhei sempre com cromos, uma escola de fotografia apurada, mas que não admitia muito erros. Migrei para o digital aos poucos, primeiro com uma câmera compacta em 2006, depois para a primeira D-SLR em 2007.

### **Do ponto de vista técnico, analógico ou digital?**

Tecnicamente, o digital evoluiu muito. Hoje faço os trabalhos com sensores full-frame e depois trabalho no tratamento com softwares. Penso que a fotografia

química (analógica) ainda tenha espaço em projetos autorais muito específicos.

### **Existe uma condição ideal para a sua fotografia?**

Não sou muito exigente em relação às condições. É claro que tendo orçamento, bons equipamentos, junto de parceiros competentes e divertidos é melhor. Se tiver “filé mignon” é melhor, mas se for “pão com ovo” não rejeito!

### **Fotografia como ilustração ou como método científico?**

No meu caso, mais como método científico, uma vez que uso a fotografia prioritariamente como ferramenta de investigação, para documentar comportamento animal. A ilustração viria em segundo plano, como expressão e busca de narrativas visuais. Somos desde sempre primatas contadores de história. Nossos antepassados faziam isso pintando cavernas... hoje publicamos em revistas,



expomos em galerias ou simplesmente postamos nas redes sociais.

### **Do ponto de vista científico, o processo digital democratizou ou banalizou o uso da fotografia?**

As duas coisas. Democratizou e isso é bom. Muitos que nunca fotografariam, hoje têm acesso às câmeras de celulares ou às compactas. O custo despencou e, nesse sentido, o mercado ficou aviltante. Banalizou, e isso é péssimo: “me dá uma ‘fotinho’ para usar no catálogo da empresa” virou quase que lugar comum. Infelizmente, a cultura da fotografia – que envolve desde aspectos técnicos, éticos e artísticos – não evoluiu na mesma proporção que os equipamentos se espalharam mundo afora. Fotografar de verdade envolve o desenvolvimento de um olhar, que precisa de suporte, de uma boa base cultural e imagética.

### **O que você diria para um “novo” fotógrafo?**

Seja bem-vindo! Contudo, treine: aprimore sua técnica, faça cursos, leia, aprenda com o trabalho dos colegas. E, claro, não seja um “mala” só porque você tem uma câmera legal ou porque faz fotos bonitas.



## **Que tipo de fotografia mais lhe agrada e por que?**

Eu gosto muito das fotografias que contam histórias. Sempre que vou produzir uma foto, eu imagino que legenda ela teria. Gosto muito também de olhar o trabalho de colegas, com os quais aprendo e aprimoro meu olhar. Nesse sentido, sempre tive bons mestres. Sou muito grato a Ivan Sazima, meu orientador de mestrado e doutorado, um “guru” da imagem de história natural.



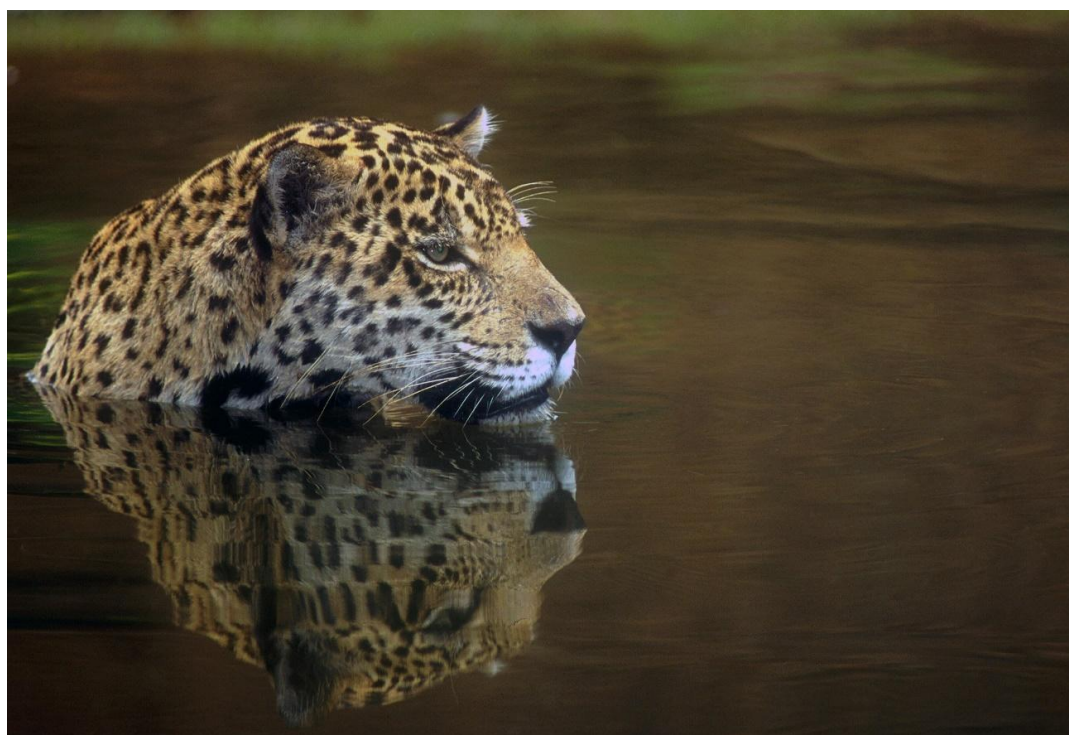
imagem, por exemplo, de um leão na savana africana? Milhares de pessoas fazem isso. Se quiser fazer algo que se destaque, tem de ser muito criativo. Por exemplo, meu amigo Luciano Candisani, fez um lindo ensaio da savana em P&B.

## **Qual é o maior desafio da fotografia?**

Ser criativo. Pensemos em temas que são muito fotografados, cada vez mais hoje em dia. Qual seria o diferencial de uma

## **Quais são os seus projetos envolvendo fotografia?**

Tenho duas frentes de atuação. Uma é na universidade (Uniderp), onde



coordeno o Projeto Peixes de Bonito. Faço pesquisas, oriento alunos, me associo a pesquisadores de outras instituições. O desafio de se fazer ciência no Brasil fica um pouco mais leve quando a paixão e fotografia se unem e são motivadoras do trabalho. A outra frente de trabalho é na minha microempresa, a Natureza em Foco. Em 2017 completamos 25 anos de existência. Ela nasceu como um banco de imagens clássico, depois de minha passagem pela Folha de S. Paulo. Em 2008, com as mudanças do mercado, a Natureza em Foco ampliou sua atuação e passou a ser uma produtora de conteúdo, associando a bagagem de conhecimento científico. Criamos livros impressos e eletrônicos, exposições multimídia, materiais didáticos e vídeos-documentários.

### **Fotografia científica ambiental e as redes sociais?**

Penso que é um caminho espetacular



para difundir a biodiversidade para o grande público. Velocidade de divulgação e facilidade de acesso, combinadas, criaram um cenário fabuloso para “viralizar” as belezas do mundo natural.

### **Algum lugar em especial a destacar na sua trajetória fotográfica?**

Sim, o fantástico Planeta em que vivemos! Cada cantinho, cada floresta, cada rio, cada jardim... todos são preciosos e podem ser fontes de registros da vida.

### **Uma dica valiosa?**

Use suas fotografias para inspirar as pessoas a cuidar da Natureza. A ideia nem é tão nova assim, mas é poderosa.

## FOTOGRAFIAS



**Nome científico:**  
*Hoplias* gr.  
*malabaricus*

**Nome popular:**  
traíra

**Localidade da foto:**

Rio Olho d'Água, Jardim, Mato Grosso do Sul

Com boca grande e dentes afiados, a traíra, *Hoplias* gr. *malabaricus*, é uma predadora temida por pequenos peixes. Voraz, mas paciente, permanece quase imóvel, escondida na vegetação submersa, aguardando o momento exato para a investida contra suas presas. Os olhos grandes são adaptados para a atividade crepuscular-noturna.

**Equipamento:** Nikon D4, objetiva Nikkor 105mm, luz natural, caixa estanque Nauticam.



**Nome científico:**  
*Phyllomedusa*  
*burmeisteri*

**Nome popular:**  
perereca-da-folhagem

**Localidade da foto:**

Parque Estadual Carlos Botelho, Estado de São Paulo

A perereca-da-folhagem, *Phyllomedusa burmeisteri*, tem ampla distribuição na Mata Atlântica. Ocupa ambiente arborícola, especialmente a vegetação próxima a corpos de água. Seus ovos são depositados em ninhos de folhas acima da água e, após um período inicial de incubação, as larvas caem na água, onde terminam seu desenvolvimento.

**Equipamento:** Nikon F-90, objetiva micro Nikkor 60mm, dois flashes TTL, filme Fujichrome Velvia 50.



**Localidade da foto:**  
Baía do Coração,  
Pantanal do Negro,  
Corumbá, Mato  
Grosso do Sul

Durante as cheias, a planície pantaneira é um grandioso espelho d'água. Com o baixar das águas, se revela um complexo mosaico de espaços. Campos, rios e baías são os elementos dominantes do cenário pantaneiro. A inundação que ocorre no interior da planície depende das águas que se originam nos planaltos de entorno. Na planície em si, chove pouco. Não fosse pelas águas originadas das chuvas que ocorrem nas áreas mais altas ao redor da planície, o pulso de inundação sequer existiria tal como o conhecemos.

**Equipamento:** Nikon D300, objetiva Nikkor 24mm, luz natural, a partir de aeronave de asa alta, sem porta.



**Nome científico:**  
*Anodorhynchus*  
*hyacinthinus*

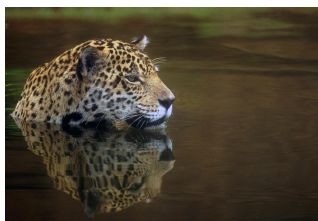
**Nome popular:**  
arara-azul-grande

**Localidade da foto:**

Pantanal do Miranda, Miranda, Mato Grosso do Sul

A arara-azul-grande, também conhecida como araraúna, é a maior espécie entre os Psittacidae (papagaios, periquitos, araras, maritacas). Chega a medir um metro da ponta do bico à ponta da cauda e, quando adulta, pode pesar até 1,5 kg. Ocorre na Floresta Amazônica e principalmente no Cerrado e Pantanal. Com bico muito forte, é capaz de se alimentar de frutos do acuri.

**Equipamento:** Nikon D4, objetiva Nikkor 500mm, luz natural + "flash de enchimento", monopé.



**Nome científico:**

*Panthera onca*

**Nome popular:**

onça-pintada

**Localidade da foto:**

Zoológico de Cuiabá, Mato Grosso

Predadora aguerrida, a onça-pintada *Panthera onca* ataca presas dos mais variados tipos. Além das presas do Mundo Natural, a pintada pode, ainda, atacar o gado nas fazendas. Tal comportamento lhe rendeu uma injusta má reputação no Pantanal. Afinal, ela é moradora mais antiga e, nós humanos, intrusos de seu hábitat. Recentemente, a condição de conservação desse felino está mudando. A espécie tem recebido esforços para sua proteção, tanto da legislação, quanto da pesquisa e até mesmo de alguns dos antigos oponentes descobriram o grande valor da onça para o ecoturismo.

**Equipamento:** Nikon F100, objetiva Nikkor 300mm com teleconverter 1.4, luz natural + “flash de enchimento”, monopé, filme Fujichrome Provia 100